

MAPAS (DE) MENORES: OUTRAS CARTOGRAFIAS DE DOURADOS (MS)

Laio Guimarães Freitas

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

laiofrees@gmail.com

A forma de perceber e viver na cidade destes jovens compõe uma geograficidade que está ligada tanto às percepções que estes possuem como a sua relação material e objetiva com o local em que vivem. Essas concepções sobre o espaço foram identificadas a partir do trabalho de campo e entrevistas, por meio das quais verificamos que o deslocamento dos estudantes se dava a partir de sua relação com trabalho, religião lazer, família, localização da residência e escola. Notamos que a escola ganha um papel de destaque na vida destes indivíduos, pois a maior parte das relações destes estudantes se dava principalmente pela escola, através dos laços de amizade, do deslocamento diário dos estudantes e também como local de lazer. E é principalmente na escola que estes alunos compõem a sua geograficidade, de forma que a normatização da escola e as relações criadas nesse local refletem na relação dos jovens com a cidade.

Neste sentido, as cartografias dos estudantes do Ensino Médio existem e sempre existiram, estão em aberto e em movimento, os estudantes assim como qualquer indivíduo de uma sociedade, possuem uma geograficidade que se constrói a partir da geografia do seu corpo em relação com o mundo, a partir de trocas objetivas e subjetivas com a sociedade capitalista –Brasileira-Sul Mato-grossense-Douradense.

Ao analisar o material colhido nas entrevistas nas escolas no início da pesquisa, foi observado que foram citados dois pontos de referências dentro da cidade que tiveram maior relevância e surgiram de maneira mais expressiva nas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, sendo estas referências: uma rua e um local. Os mapas apresentados neste capítulo foram construídos pelos estudantes do Ensino Médio, a partir de desenhos e representações dos deslocamentos pela cidade de Dourados.

Após realizar as entrevistas com os estudantes e aplicação do questionário na conversa, foi possível elaborar um “mapa-mudo”, representando e identificando os locais que foram apontados pelos próprios alunos nas entrevistas como pontos de referência para se localizar na cidade. Foram identificados quatro pontos: a Escola Estadual Floriano Viegas, o Shopping de Dourados - como rua de referência para se localizar na cidade a Avenida Marcelino Pires - e a outra escola que faz parte da pesquisa: o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – *Campus* de Dourados. O diálogo estabelecido com os estudantes permitiu debater e refletir sobre a cidade; a questão dos deslocamentos gerou uma série de afirmações e percepções dos alunos sobre a cidade. Após questionados sobre os locais que frequentam na cidade além de escola, a maior parte dos entrevistados afirmou frequentar a casa de amigos, igrejas e shopping.

Ao observar a Figura 1 podemos identificar um “mapa mudo” onde estão localizados o Instituto Federal, a Escola Floriano Viegas Machado, o shopping da cidade e a Avenida Marcelino Pires.

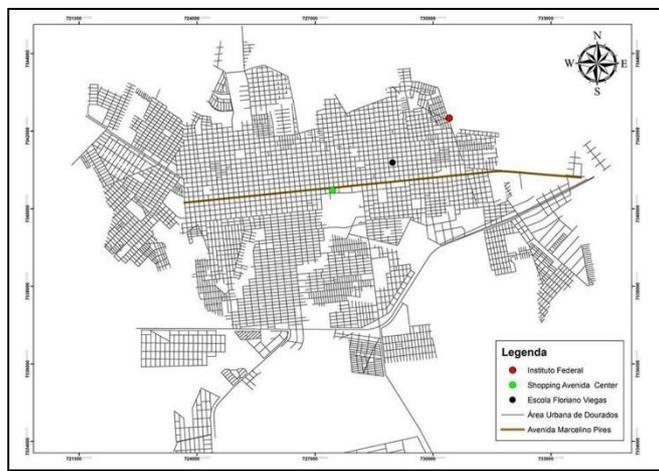


Figura I – Mapa com pontos de referência citados pelos alunos
Org.: OLIVEIRA, Dionnes (2017)

É necessário ressaltar, mais uma vez, que a elaboração deste mapa e a identificação destes locais se deu a partir da análise das entrevistas que apontavam estes locais como pontos de referências citados pela maior parte dos alunos. Estes dados foram colhidos em um primeiro momento da pesquisa nos encontros realizados com estudantes nas entrevistas iniciais. A partir desta primeira etapa, os alunos foram convidados a localizarem suas casas na cidade e a partir da localização da casa de cada aluno e dos pontos já referenciados no mapa, os alunos foram convidados a construir seus deslocamentos em Dourados, com o intuito de que tal movimento pudesse tensionar os indivíduos a refletir sobre suas percepções e visões da cidade.

Deste modo, a pesquisa caminhou no sentido de introduzir algumas ferramentas digitais que pudessem auxiliar na interação e representação dos alunos. Basicamente utilizamos um *software* de edição de imagens e uma mesa de desenho digital, sendo que estas ferramentas possibilitaram abrir o “mapa mudo” (Figura I) da cidade no computador, e através de uma ferramenta para desenho digital, os estudantes eram convidados a desenhar sobre este mapa e a partir disto criar uma cartografia digital individual de cada aluno (Figura II; Figura III; Figura IV; Figura V)

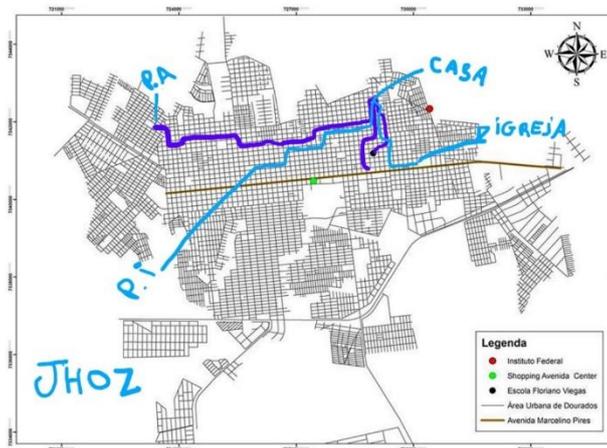


Figura II – Mapa de aluno da Escola Viegas
Org.: FREITAS, L.G (2017)

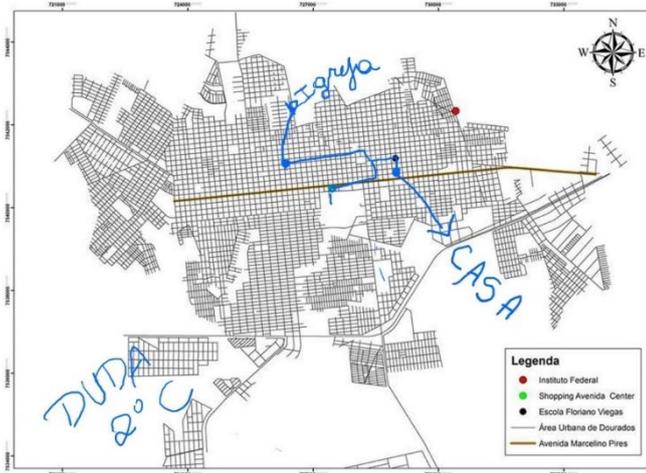


Figura III – Mapa de aluno da Escola Viegas
Org.: FREITAS, L.G (2017)

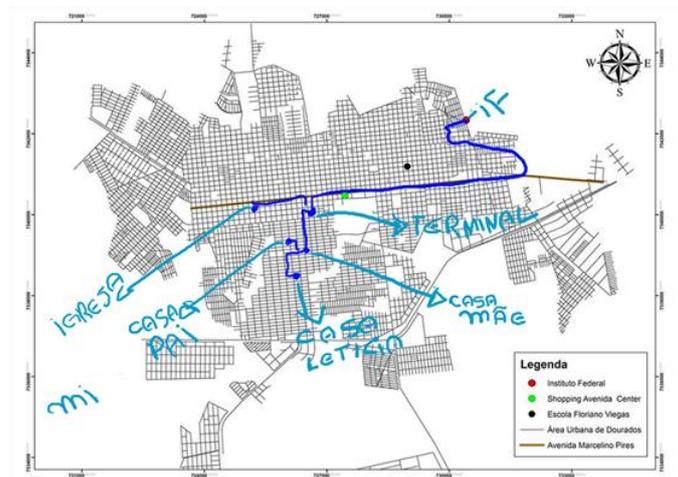


Figura IV – Mapa de aluno da Escola Instituto Federal de Dourados-MS
Org.: FREITAS, L.G (2017)

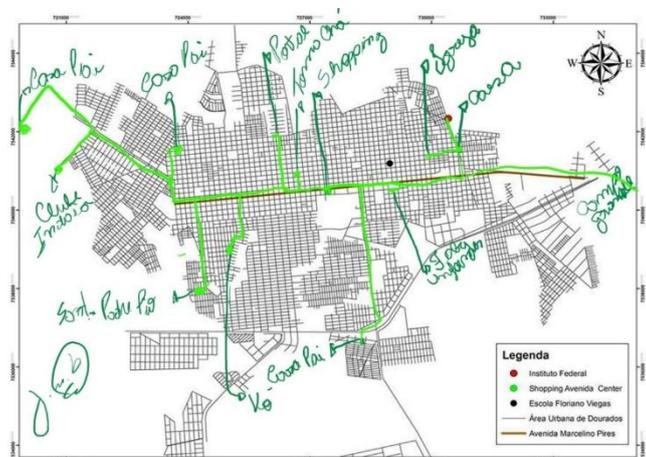


Figura V – Mapa de aluno da Escola Instituto Federal de Dourados-MS
Org.: FREITAS, L.G (2017)

O *software* de edição de imagens também possibilitou organizar os desenhos em camadas separadas da imagem do mapa, como se fossem transparências sobrepostas (Imagem VII). A proposta de utilizar esse recurso de *software* busca representar imageticamente a ideia “trajetórias múltiplas”, “uma simultaneidade de estórias-até- agora” e provocar rasuras intensivas em um mapa extensivo. A imagem do “Mapa Múltiplo dos alunos do Viegas” e o “Mapa múltiplo do Instituto Federal” (Figura VIII e Figura IX) buscam representar a ideia que Massey traz, a partir de uma imagem que está fixa, mas deve ser pensada sempre em movimento.

Conseguimos obter um número significativos de produções cartográficas, tendo em vista que vários alunos executaram esta dinâmica, no entanto, para a finalidade deste relatório, optamos em apresentar dois mapas individuais, um de cada ano do Ensino Médio da Escola Viegas (Figuras II e III), dois mapas de alunos do Instituto Federal (Figuras IV e V) e para observar a reunião de todas as produção cartográficas, optamos por fundir todos os mapas, separados por escolas. (Figura VI e Figura VII).

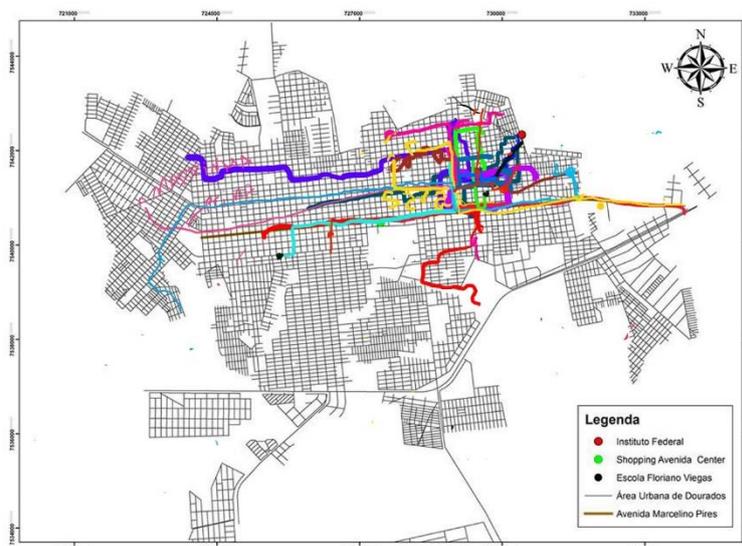


Figura VI – Mapa de deslocamentos dos alunos da escola Viegas
Org.: FREITAS, L.G (2017)

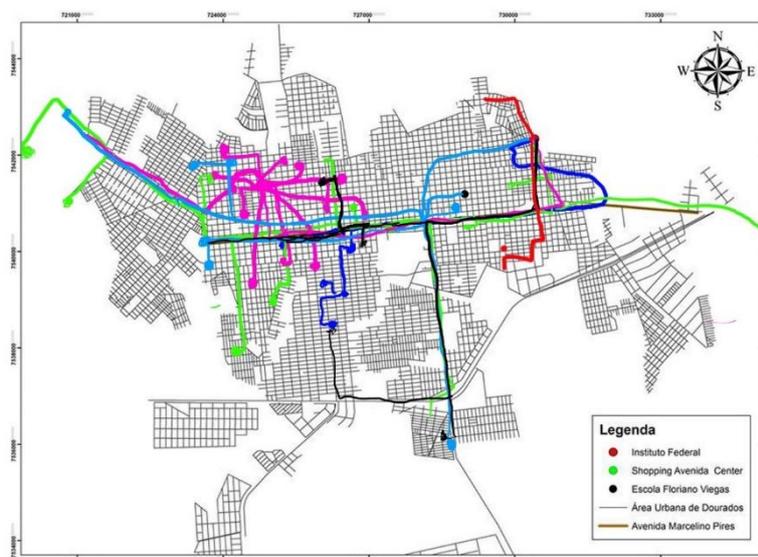


Figura VII – Mapa de deslocamentos dos alunos da escola Instituto Federal – Dourados MS
Org.: FREITAS, L.G (2017)

No processo de criação destes mapas, os alunos também foram convidados a escrever/rasurar o mapa com legendas de cada localização inserida pelos mesmos e dar destaque nos deslocamentos diários dos estudantes, sendo assim, os estudantes desenhavam seus percursos e suas respectivas legendas. Cada estudante está representado por uma cor escolhida pelos mesmos; ao final da dinâmica, os estudantes também assinavam cada produção cartográfica, dessa forma, todos esses símbolos, legendas e referências, para além do mapa mudo, foram produzidos pelos estudantes e podem ser observados nas cartografias produzidas, principalmente pela diversidade de caligrafias, cores e assinaturas (Figura X).

A partir da junção/fusão/mistura de todos os mapas que foram elaborados pelos estudantes de ambas as escolas (Figura X) fica perceptível parte das relações dos jovens com a cidade, onde a espacialização compõe a identidade dos indivíduos, mas mostra que a espacialização não se resume apenas a isso. Os mapas de deslocamentos têm potência para expressar essa identidade que se transforma em espacialização, e vira representação, mas transcende isso, onde a relação dos alunos com a escola mostra uma espacialização coletiva dos estudantes, pois, em uma análise mais ampla a maior parte dos alunos vão para a escola nos mesmos dias e horários, realizando diferentes percursos mas que se unem no ponto em comum, ou como discutido anteriormente, pode ser pensada também como uma escala/escola/ala) em comum. Esta identidade que se apresenta junto a espacialização também é possível de ser observada nos mapas múltiplos (Figura VIII e Figura IX), pois todos os indivíduos entrevistados tinham particularidades individuais que refletiam na sua espacialização. Essas particularidades foram representadas pelas legendas que os alunos inseriam no mapa de cidade, as legendas estão em grande parte nas “bordas” ou “limites” do mapa, nos espaços “em branco” ou ainda em “aberto. Ao analisar as entrevistas, as representações aparecem tanto nas legendas dos alunos, quanto nas suas falas sobre a cidade, ressaltando na maior parte das vezes lugares como igrejas, casa de amigos, melhores amigos, namorado(a)s. Essas particularidades compõem a identidade dos indivíduos, compõem sua “roupa-pele”, a religião que cada um possui, a relação com amigos, ou melhores amigos, a prática de algum esporte ou atividade de lazer, ter ou não pais separados e casas separadas, todos esses fatores influenciavam e criavam uma espacialização de cada aluno.

Todos esses fatores formam a espacialidade dos estudantes, essa espacialidade está ligada aos locais que frequentam, que ouvem, aprendem e desaprendem visões de mundo e visões sobre a cidade. Neste sentido, a partir destas visões os estudantes representam suas percepções sobre a cidade, e sendo assim não poderiam ser negadas, estão presentes nos deslocamentos dentro da cidade que os próprios estudantes criaram através da elaboração cartográfica digital. Contudo, fica possível identificar algumas questões que Massey aponta sobre espacialidade, identidade e representação. A temporalidade tanto dos jovens quanto do território em que estão, também devem ser consideradas, tendo em vista que a temporalidade dos jovens está relacionada tanto à idade cronológica, como as normatizações que o Estado e o território definem: o tempo de sair ou não sair de casa, essas temporalidades podem ser observadas no mapa, através da espacialização destes jovens.

Nos mapas elaborados é possível identificar como a trajetória dos alunos perpassa a escola, tanto em relação às atividades obrigatórias do ensino regular, como nas relações de amizade e de lazer. No mapa de deslocamentos da Escola Viegas (Figura 6) identificamos que a maior parte dos alunos se espacializa em regiões próximas às respectivas casas e próximas à escola. Nesse mapa fica clara a concentração de atividades localizadas na parte nordeste da cidade, próximo à escola.

A ideia trabalhada neste texto caminha no sentido de abordar outras formas de perceber e conceber o mundo, a sociedade, a cidade. Observando movimentos em um terreno subjetivo, articulados por um conjunto de composições materiais de intensidade que o invadem, transformam, compõem e atravessam os espaços, em outras palavras, trabalhar com a possibilidade de outras formas de perceber e olhar o mundo, a cidade, sociedade e cultura, onde os desejos, as sensações e a espacialidade dos corpos possuam potência para criar, questionar e refletir sobre o mundo em que vivemos e que imaginamos.

Nesse sentido, podemos colocar tal movimento como um “saber do corpo” (ROLNIK, 2016 - vídeo) que a força do Estado que possui uma regulamentação que influencia o ir e vir destas pessoas a partir, por exemplo, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹.

Os saberes dos estudantes se constituem e se formam a partir dessas forças, as relações com o Estado, família, renda, religião, educação, lazer, cultura. Segundo Rolnik(2016) são forças que habitam as pessoas, com consentimento ou não, efeito dos afetos originados nos nossos encontros. Um conjunto de capacidades que temos de acessar o mundo e decifrá-lo, é com essa experiência subjetiva que nos situamos e orientamos nossas ações. Neste movimento é que são criadas também as percepções de mundo, a interpretação de símbolos e códigos que compõem nossos discursos sobre o mundo e conseqüentemente compõem/fazem parte da origem de nossas representações/experimentações sobre o mundo. No entanto, “a subjetividade não é apenas um sinônimo para sujeito, a subjetividade pode ser entendida minimamente como o sujeito e fora do sujeito” (ROLNIK, 2016; vídeo).

O sujeito capta o mundo, capta as formas do mundo. Neste caminho, as formas do mundo ao serem captadas, através das percepções como tato, audição, visão, são imediatamente associadas com o repertório de representações culturais que o sujeito possui e na qual está estruturado como indivíduo. O sujeito cria e projeta essas representações nas formas que observa, toca, ou ouve e com isso produz o sentido. O modo como essa experiência fora do sujeito capta o mundo, é pelo efeito das forças do mundo em nosso corpo. O modo como as forças do mundo nos afetam e criam representações/experimentações são as forças do mundo nos influenciam, e atravessam nossos corpos, nas palavras de Massey, poderiam ser as “estórias-até-agora” que compõem os corpos.

A percepção, a experiência do sujeito produz um tipo de conhecimento, o conhecimento cognitivo. A experiência de perceber as forças do mundo nos corpos, desenvolve um outro tipo de conhecimento, o saber do corpo ou o saber dos afetos. De acordo com Rolnik, essa experiência subjetiva enquanto sujeito possui funções que não são descartáveis, são funções de comunicabilidade e sociabilidade. A experiência subjetiva fora do sujeito nos permite uma orientação ecológica, etológica, que visa não a comunicabilidade, mas sim a preservação da vida (ROLNIK, 2016; vídeo).

As experiências do sujeito e fora do sujeito se articulam de forma distintas e a relação entre os dois se apresenta como um paradoxo, desestabilizando os contornos do mundo e seus sentidos. Segundo a já referida pesquisadora, possuímos uma pele, “roupa-

¹ Não estamos aqui questionando tal regulamentação; entendemos que tal política cria uma normatização ou uma estrutura que compõe uma tentativa de homogeneidade que é de importância para esta pesquisa, pois configura-se como uma das forças objetivas, materiais que influenciam os indivíduos. São as forças do mundo, do Estado, influenciando nos corpos, são partes do nosso corpo, influenciam na vida de crianças e adolescentes, bem como na vida de adultos, em um processo que cria e recria espaços abertos e em movimento.

trabalha com as dinâmicas sociais em um espaço aberto, como espaço de acontecimentos e que de uma forma mais flexível poderia ser construída em relação com a comunidade, ouvindo as pessoas que vivenciam aquele território, trabalhando questões políticas, culturais, religiosas. Mostrar para os alunos que a escola faz parte e compõe a vida deles. Para tanto, expor uma dada representação feita por ele próprio que expressa essa relação experienciada por ele naquele momento da vida. E pensar assim, que a escola faz parte do território do qual ele pertence e que faz construção de sua vida, que se desenvolve em um espaço em aberto.

Como já foi exposto anteriormente, este trabalho necessita ter continuidade tanto na produção de cartografias, quanto na análise de dados no sentido de apontar a relação dos discursos sobre a cidade com os mapas elaborados, além de aprofundar a discussão e fundamentação teórica proposta. Também está sendo desenvolvida uma cartografia “em movimento” em forma de vídeo GIF que busca reunir todo o material coletado em pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

FERRAZ, Cláudio B. O. **Entre-Lugar: apresentação**. Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 15-31, 1º semestre de 2010.

FERRAZ, Cláudio B. O.; NUNES, Flaviana G. Linguagens geográficas: o de Fora, o corpo e o aluno. In: PORTUGAL, Jussara F.; OLIVEIRA, Simone S.; RIBEIRO, Solange L. (Orgs). **Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: Editora da UFBA, 2016, p. 241-260.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor: variáveis e variações**. 36ª Reunião Nacional da ANPED: Goiânia-GO, 2013.

_____. **Deleuze & a Educação**. Coleção Pensadores & Educação. 2ª edição. Belo Horizonte-MG: Ed. Autêntica, 2008.

GIRARDI, Giseli. **Mapas desejanter: uma agenda para a cartografia geográfica**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 147-157, set./dez. 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. **Grafar o espaço, educar os olhos**. Rumo a geografias menores. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

_____. **A educação visual dos mapas**. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 13, 2011, San José. Anais... San José: Universidad Nacional de Costa Rica, 2011. v. 1.

_____. **Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar.** Geografares: Revista do Mestrado e do Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais (UFES), n. 12, p. 1-49, jul. 2012.

_____. **PRO-POSIÇÕES: Dossiê: A Educação pelas imagens e suas geografias.** Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, v.20, n. 3 (60) set./dez. 2009.

_____. **ROLNIK, Suely. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.** 1989. Núcleo de Estudos da Subjetividade. PUC-SP. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 12 Junho. 2017.

_____. **Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2014.

_____. **Suely. TVPUC. Videoteca - Seminário Novos Povoamentos (Parte II)** - Tarde. 2016 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3DX65xU5i8o>>. Acesso em: 12 Junho. 2017.

_____. **SANTOS, Douglas: O ensino da geografia na escola básica: objetivos e procedimentos.** 20 jun. 2016, 12 ago. 2016. Notas de Aula.

_____. **A reinvenção do espaço.** São Paulo: Unesp, 2002.

_____. **O que é geografia?** 2007. Inédito. Apostilado

_____. **Uma cartografia para o Imperialismo.** SD. Digital disponível: <http://www.olharesgeograficos.com.br>